

Chega de Mercosul

*por Samir Keedi - publicado pela Aduaneiras

Temos acompanhado, ao longo dos anos, os avanços e retrocessos do Mercosul. Mais retrocessos que avanços, em nossa modesta opinião. Consideramos como retrocesso os vários e infinitos problemas que ocorrem entre Argentina e Brasil. Como todos também veem. Mas, adicionalmente, consideramos o mesmo quando não se avança e tudo permanece igual. Ficar no mesmo lugar, enquanto o tempo passa, é retroceder.

Já nos cansamos das brigas entre estes dois países. Que nunca pensam no comércio, no avanço, no futuro. Mas, tão somente em superávit e déficit. Comércio não é só isso. É desenvolvimento. Competição. Melhorias através das divergências. Mas não, basta um probleminha qualquer e lá vem guerra. Será que o Mercosul é mesmo um bloco comercial? Ou será que cada um o usa a sua própria maneira, visando apenas vender ao outro? Sendo isso, e achamos que sim, o bloco não funciona. E isso há muito tempo.

Em várias ocasiões e artigos já criticamos o bloco. E, pedimos sua extinção. Nossa opinião, ao longo dos anos, continua a mesma. E vai se consolidando nesse sentido de fim do Mercosul. Já ficou bastante claro, ao longo do tempo, que ele já chegou ao limite do que pode ser. Os dois países cresceram - pouco, mas cresceram - o Mercosul já fez sua parte, o que podia fazer.

O maior incômodo ao nosso País nem é a constante divergência que ocorre. É o travamento de nossas relações comerciais com outros países. O Brasil, através do Mercosul, só tem acordos comerciais no âmbito da Aladi (Associação Latino-Americana de Integração) e mais dois acordos com Índia e Israel.

Não podemos continuar com cerca de uma dúzia de acordos comerciais. E apenas dois deles fora das Américas. É preciso expandir, ganhar o mundo. Precisamos seguir os bons exemplos do México e do Chile. Países envolvidos em cerca de 50 acordos comerciais cada um. E, entre eles EUA, União Europeia, China, Rússia. Países e blocos com quem nem temos perspectiva, por ora, de termos acordos. Que são os que compram. Mesmo que estejam em crise agora, e isso não conta, por ser passageiro. E, também, por serem de qualquer maneira grandes mercados a serem utilizados.

Por que não temos mais acordos é fácil explicar. Em primeiro lugar, parece que nosso País não gosta deles. Não vemos garra, arrojo nisso. O País não enxerga a importância deles para a economia. Provavelmente, pensando no outro lado da moeda. Que os produtos estrangeiros também entrarão aqui sem impostos. Pensamento miúdo e mesquinho, se isto for um fato, o que achamos que é.

Em segundo lugar pelo próprio Mercosul. Em que tudo tem que ser na base de quatro mais um. Ou seja, todos os membros do Mercosul têm que concordar, e o acordo único. E não é fácil ter um arranjo assim. E, pior, podemos dizer o que se ouve amiúde por aí, "que está ruim, mas está bom" (sic). Ou seja, sempre pode piorar. E, claro, ainda piorará muito. Basta o Paraguai, nossa última esperança e centro de resistência, ceder à pressão e aprovar a entrada da Venezuela. Aí veremos o que é problema de fato. Com os cinco mais um, nada mais será realizado. E, pior que cinco mais um, é quem é o quinto membro.

Portanto, não parece difícil entender o que queremos dizer e pedimos. A imediata extinção desse bloco, que foi bom, mas que já passou da hora. Até porque, não passa do que é há muitos anos. Uma área de livre comércio - em realidade preferências tarifárias - e união aduaneira. Mas, como união aduaneira, também incompleta. Com listas de exceção para imposto de importação de mercadorias de terceiros países.

Que união aduaneira é essa? Não entendemos e nem temos explicação convincente. Tudo que é exceção tem que ser temporário e não permanente.

Portanto, temos que pensar imediatamente em novas opções, novos caminhos. Começar a deixar para trás o que não nos convém. A ideia da integração é muito boa e somos favoráveis a ela. Temos até artigo publicado sobre a nossa querida América Latina. Mas, tem que ter um limite. E o limite é o do bem-estar que temos de ter. Tudo aquilo que nos prejudica, que nos aniquila, que não nos dá a liberdade suficiente para ter nosso próprio caminho, deve ser extirpado.

Bem sabemos que não se desiste de algo na primeira dificuldade, e que nem tudo tem de ser favorável. Afinal, casamento é compartilhar tudo. As coisas boas e as ruins. E não pode ser apenas virtude, o inconveniente faz parte. Mas, não pode ser o que tem sido. Comercialmente, Argentina e Brasil mais parecem dois países em guerra e não países dispostos a fazer do comércio um ponto de desenvolvimento.

* Samir Keedi é economista com especialização na área de transportes internacionais.